UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

LETÍCIA OLIVEIRA LIMA

REPRESENTAÇÃO DAS VOZES FEMININAS NO ROMANCE *ÚRSULA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

ITABAIANA/SE
2023

LETÍCIA OLIVEIRA LIMA

REPRESENTAÇÃO DAS VOZES FEMININAS NO ROMANCE *ÚRSULA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Profa. Dr. Vilma Mota Quintela.

ITABAIANA/SE
2023

LETÍCIA OLIVEIRA LIMA

REPRESENTAÇÃO DAS VOZES FEMININAS NO ROMANCE *ÚRSULA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientadora: Prof.ª Dr.Vilma Mota Quintela.

Aprovado em 18 de outubro de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

_____

Prof.ª Dr. Vilma Mota Quintela (UFS)

ORIENTADORA

_____

Prof.ª Rafaela Felix Diniz G. Monteiro de Farias (SEED)

Dedico este trabalho à minha amada mãe. Mulher simples, guerreira e afetuosa, que tanto me admira, apoia e incentiva a lutar com todas as forças por aquilo que acredito, fazendo dos meus sonhos os seus.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que está comigo em todos os momentos me dando saúde e força para superar os desafios da vida com muita fé e perseverança.

Aos meus pais Lucivaldo e Dorinha por tanto amor e dedicação, pelos valores que me ensinaram e os exemplos que são e me fizeram ser quem eu sou hoje, tudo que pretendo ser devo a vocês.

À minha querida irmã Sofia que celebra comigo cada conquista e me enche de carinho e atenção, agradeço pela compreensão e por me proporcionar com sua sabedoria momentos de alegria que foram revigorantes e essenciais durante esses anos de estudo.

Ao meu esposo Leandro, pessoa fundamental que fez com que este sonho fosse possível. A ele, sou muito grata, por todo amor, paciência e cuidado que tens por mim, por não medir esforços e ter enfrentado comigo tantas batalhas que apareceram ao longo dessa jornada que não foi fácil. Sem dúvidas, sua companhia fez e faz toda a diferença em minha vida, transmitindo sempre a tranquilidade que eu preciso para seguir em frente.

À minha estimada amiga de curso, Viviane, por toda parceria, confiança e troca de conhecimentos. Sua amizade foi muito importante e tornou a caminhada mais fácil, leve e divertida, obrigada por sempre me ouvir, rir e chorar comigo, te guardarei para sempre no meu coração.

À minha orientadora, Profa. Dr. Vilma Mota Quintela, que aceitou e ste desafio e confiou no meu potencial. Externo aqui minha gratidão por ter compartilhado seus conhecimentos e tempo, e por ser tão gentil e paciente. Você me inspira!

A todos os mestres desta instituição que me formaram com suas aulas enriquecedoras, meu respeito, reconhecimento, e eterna gratidão.’

À Universidade Federal de Sergipe por todas as oportunidades concedidas através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência fomentado pela CAPES, e por seu ensino de qualidade, bem como à equipe diretiva e administrativa que compõe o departamento de Letras, do Campus Itabaiana, por cada informação e auxílio prestado.

Por fim, e não menos importante, agradeço aos meus familiares e amigos por todas as orações, por cada palavra amiga e ajuda, vocês também contribuíram, para que esse tão sonhado dia pudesse chegar, que Deus abençoe a vida de todos vocês.

“As almas generosas são sempre irmãs”

(Maria Firmina dos Reis).

RESUMO

A presente pesquisa objetiva analisar as vozes femininas que aparecem no romance *Úrsula* (1859) da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis. Historicamente, essas vozes foram caladas pelo poder patriarcal do século XIX. No entanto, na ficção firminiana as falas das personagens se revestem de atuação política, configurando-se uma denúncia à opressão a que a mulher estava sujeita no Brasil oitocentista. Sendo assim, este estudo fundamenta-se basicamente, em alguns dos pressupostos teóricos das obras de Antônio Candido, para compreender o contexto literário e cultural da época em que o romance foi escrito, e identificar as características da literatura de Maria Firmina. Ademais, pretende-se, com base em Alfredo Bosi (1992) e Spivak (2010), analisar através da subjetividade de Úrsula e Preta Susana o lugar social de subalternidade destinado a elas por conta do gênero, destacando o que a voz delas significou, e como o silêncio foi rompido por meio da resistência, que transgrediu a autora e suas personagens, conferindo-lhes assim uma representatividade positiva.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; *Úrsula*; vozes femininas; romantismo brasileiro; estudos de gênero.

Abstract

This research aims to analyze the female voices that appear in the novel *Úrsula* (1859) by the Brazilian writer Maria Firmina dos Reis. Historically, these voices were silenced by the patriarchal century of the nineteen. However, in Firmin's fiction the characters' speeches take on political action, constituting a denunciation of the oppression to which women were subject in nineteenth-century Brazil. Therefore, this study is basically on some of the theoretical assumptions of Antônio Candido works, to understand the literary and cultural context of the time in which the novel was written and identify the characteristics from the literature of Maria Firmina.Furthermore, based on Alfredo Bosi (1992) and Spivak (2010), we intend to analyze, through the subjectivity of Úrsula and Preta Susana, the social place of subalternity assigned to them due to their gender, highlighting what their voice represented, and how the silence was broken through resistance, which transgressed the author and her characters, thus giving them a positive representation.

Keywords: Maria Firmina dos Reis; *Úrsula*; female voices; Brazilian romanticism; gender estudies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 12

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA OBRA 14

1.1 Estética romântica e ideologia em *Úrsula* 15

1.2 Representação da realidade brasileira 19

2. VOZES FEMININAS EM UNÍSSONO 21

2.1 Úrsula 22

2.2 Preta Susana 26

3. MARIA FIRMINA DOS REIS: VIDA E OBRA 32

3.1 A autoafirmação na escrita do romance *Úrsula* 34

CONSIDERAÇÕES FINAIS 38

REFERÊNCIAS 40

INTRODUÇÃO

Úrsula foi o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira escrito por uma mulher em 1859. Tal obra pertence ao Romantismo sendo carregada de descrições da paisagem, sentimentalismo exacerbado, metáforas, hipérboles, sinestesia e um forte teor dramático, com conflitos intensos de ordem moral, religiosa, social e amorosa, além de um final trágico. Desse modo, trata-se de uma narrativa folhetinesca do século XIX, que narra narra uma história de amor melodramática. Assim, *Úrsula* se constrói a partir do encaixe de núcleos dramáticos organizados de forma linear e escritos em terceira pessoa com partes em que o narrador sai de cena, paraque os personagens possam falar em primeira pessoa seus discursos antiescravistas dentro do enredo romântico. A partir desse enredo é possível notar os valores da época e o contexto escravocrata e patriarcal que maculava a sociedade do século XIX. Embora seja ficcional, essaobra pode ser vista como documental, visto que a autora Maria Firmina dos Reis denuncia comseu olhar crítico e realista questões fundamentais da estrutura social da época, trazendo à tona elementos históricos que fazem um elo com realidade, e que preenchem as lacunas da história oficial.

Esse romance pioneiro e transgressor inaugura no território do discurso em Língua Portuguesa um espaço para o negro e a mulher existirem enquanto sujeitos subjetivados, e não em situação estereotipada como era elaborado de forma recorrente na Literatura brasileira. Dessa forma, Maria Firmina narra politicamente à condição de ser negro e ser mulher, a partir da perspectiva do homem e da mulher negra, propondo uma nova ótica sobre a questão do lugar ocupado pelas personagens femininas e o tratamento dispensado a elas alicerçado em representações mais complexas numa época em que reinava teorias de superioridade do gênero masculino e preconceito. Com isso, pode-se dizer que *Úrsula* insere- se no que Candido (2004) chama de romance humanitário e social, porque a mulher entra na literatura com um tema importante sendo tratada com dignidade e não mais como personagem pitoresca.

No romance *Úrsula* há dois eixos narrativos, no primeiro existe uma idealização dos personagens servindo apenas para instigar o público leitor tornando-se então pano de fundo diante do segundo eixo, visto que no decorrer da leitura percebe-se que a intenção maior da autora era destacar o movimento de negritude. Assim, a obra de Maria Firmina traz um enredo encadeado de ações que prendem o leitor e surpreende sempre a cada capítulo, não os permitindo prever o próximo passo da autora. Logo, a narrativa tem início com o jovem Tancredo caindo do

cavalo, esse ficou desacordado até que foi encontrado e resgatado por Túlio, que levou o Tancredo para a casa de sua senhora, lá ele se recuperou conseguindo voltar para sua casa. Nisso, Tancredo tomado pelo ímpeto de gratidão por ter tido sua vida salva por Túlio, comprou a carta de alforria para ele, e os dois se tornaram amigos. Nesse meio tempo, ele e Úrsula conversaram e foram se apaixonando fazendo surgir uma paixão muito tórrida e forte.

O antagonista do livro é o comendador Fernando P, um homem completamente desumano, sendo uma verdadeira personificação de maldade, ele foi o responsável pelos piores acontecimentos da história, pois este se apaixonou por Úrsula, e quando descobriu que ela estava apaixonada por Tancredo fez de tudo, para que os dois não ficassem juntos. Nos planos subjacentes da narrativa encontramos Túlio, Preta Susana e Antero, personagens negros dotados de nome, memória e história, que colocaram em discussão o sentido da liberdade em tempos de escravidão. Sob seus pontos de vista vemos pela primeira vez a África ser tematizada em nossos livros, além disso, foi a primeira vez também que se retratou o porão de um navio negreiro na Literatura brasileira, sendo descrito na primeira pessoa com riqueza de detalhes e com forte tom de denúncia. Por esse motivo, *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis permanece hoje como um ponta fora da curva na representação da mulher e do negro e na prosa canônica.

No mais, é importante salientar que objetivo principal desta pesquisa é analisar como se manifestam as vozes das personagens Úrsula e Preta Susana, a partir do ponto de vista ideológico da época. Para tanto, o presente trabalho será organizado em três seções. Na primeira, pretende-se descrever o cenário histórico, político, cultural e literário da época, a fim de entender o contexto de produção da autora, bem como sentido da obra, destacando as relações de poder que surgem na trama oitocentista com foco nas relações de gênero estabelecidas entre os personagens do romance.

Na segunda seção, a finalidade é observar a partir de fragmentos da obra como se apresenta a voz das personagens femininas escolhidas para a análise e o significado de cada uma. Com o propósito de compreender através de suas subjetividades o lugar social designado a elas, o que elas representavam, e como o silêncio foi rompido por essas personagens em pleno século XIX, mostrando, dessa forma, um processo de transgressão ao sistema patriarcal, o qual determina modelos comportamentais fixos a homens e mulheres. Na última seção serão apresentados alguns fatos sobre a vida e obra da autora, além disso, será discutida a questão da mulher escritora do século XIX, investigando a trajetória intelectual e o caráter excepcional de Firmina revelado através da obra *Úrsula*. Por fim, será abordado de que forma Maria Firmina dos Reis construiu suas personagens, sobretudo a Preta Susana; tudo isso com o intuito de resgatar a autora e destacar seu pioneirismo na história da literatura nacional.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No século XIX o modelo histórico-cultural advindo da cultura hegemônica e patriarcal, eliminava alguns agentes sociais da historiografia, dentre eles a mulher e o negro. Um ponto relevante na discussão de Bosi é a distinção que ele faz entre o termo sistema e condição. De acordo com o autor, o primeiro se refere a uma totalidade articulada de modo objetivo, enquanto que o segundo "traz em si as múltiplas formas concretas da existência interpessoal e subjetiva, a memória e o sonho, as marcas do cotidiano no coração e na mente" (BOSI, 1992, p. 7). Ambos os conceitos, se observarmos brevemente, se articulam e se fazem presente no romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. O modo de vida servil do patriarcado é um exemplo claro de um sistema articulado e objetivo, já as memórias e falas das personagens femininas dizem muito sobre suas condições.

Spivak (2010) diz que "subalterno" é aquele sujeito cuja voz não pode ser ouvida, pois se criou um espaço de silêncio. Quando o estudioso se refere ao sujeito subalterno feminino fala que é necessário que se criem espaços e meios nos quais elas possam falar e serem ouvidos. Reportando-nos ao romance em análise, é possível perceber que são as próprias personagens que lutam por espaço, pelo direito de fala e passam, depois de muitas adversidades a serem ouvidas. Assim, tomando como referencial teórico o estudo de Spivak, pretende-se analisar por meio das falas de Úrsula e Preta Susana como a subalternidade feminina é representada e enfrentada no romance através das vozes femininas.

Para entender essa representação feminina é importante salientar, que a tendência da época se fundamentava numa visão essencialista, que defendia diferenciação entre as exigências de atitudes e comportamentos realizados por um homens e mulheres. Tal oposição, foi o fator determinante para o surgimento da desigualdade de gênero, e consequentemente a exclusão das vozes femininas. Como crítica a esse binarismo, surge na década de 70, o conceito de gênero, partindo da noção de que "as diferenças socioculturais entre homens e mulheres são historicamente construídas e sofrem alterações ao longo do tempo histórico, podendo ser analisadas, interpretadas e modificadas" (MENDES, 2012, p. 5). Ou seja, a ideia sobre o que é ser homem e mulher se forma socialmente de acordo com cada cultura.

Essa discussão de gênero criada com o objetivo de desconstruir a ideia de naturalização dos sexos trouxe uma nova forma de olhar para a problemática que gira em torno da figura feminina reverberando novos significados. Na narrativa *Úrsula*, por exemplo, surgiu novo humanismo fazendo emergir a voz feminina, a partir de um viés justo e libertário, projetado

na perspectiva de valorização dessa identidade. Diante disso, a presente pesquisa se atém na análise de vozes das personagens Úrsula e Preta Susana. De acordo com Barros:

> Voz e memória negras reconstituem o tecido vital porque historicizam, ou seja, ao ser sujeito do discurso, ao se fazer enunciar, a palavra se reveste em ação à medida que desvela a condição da mulher num sistema crivado pela opressão (BARROS, 2009, p. 37).

No texto ficcional firminiano, as vozes são pautadas conforme o cenário social e político da época, na condição da mulher escritora e na representação do discurso feminino dentro do romance *Úrsula*. Assim sendo, compreendemos essas vozes ao longo do estudo como uma estratégia narrativa cuja meta é denunciar e transgredir o lugar feminino na sociedade patriarcal do século XIX.

Desse modo, para que estas vozes alcançassem o tom de denúncia e poder de transformação foi preciso resistência. Segundo Bosi, esse conceito encontra-se no campo da ética, já a literatura situa-se no âmbito estético. No entanto, em *Úrsula* existe uma ligação destas duas esferas. Visto que, Maria Firmina dos Reis escreve com base em seus valores, os quais vinculam-se a ideia de resistência, porque reagem ao que Bosi (2002) chama de "antivalores do meio", que no contexto do romance ela contesta contra a opressão e a injustiça, dentre outros aspectos inerentes ao patriarcado. Isso é perceptível em diversas passagens do romance, pelo fato de as personagens subalternizadas Úrsula e Preta Susana possuírem fala própria no romance, e também na relação que se faz entre a vida e obra de Firmina, tendo em vista que ela fala de um lugar social não permitido, por se tratar de uma mulher negra, que decide escrever sobre a escravidão e violência de gênero.

Por fim, para discutir sobre esse lugar social de fala e escrita da autora, foi abordado o estudo teórico de Alfredo Bosi sobre potências do conhecimento, já para analisar questões relacionadas à subalternidade imposta ao gênero feminino a pesquisa fundamentou-se no ensaio crítico da teórica indiana Gayatri Chakravorty. Ambos os materiais de apoio mostram a importância do lugar de fala, com a finalidade de evitar omissões e distorções sobre as experiências dos diferentes grupos sociais, principalmente dos subalternizados, que acabam sendo silenciados por conta da desigualdade em relação aos grupos socialmente privilegiados. Diante isso, Spivak considera que dar voz ao indivíduo que vivencia a subalternização, é uma forma romper discurso autorizado, único, e que se diz universal.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE SURGIMENTO DA OBRA

O momento histórico no qual foi escrito o romance *Úrsula* (1859) é de extrema importância para o entendimento de seu sentido. Uma vez que, ao conhecê-lo o leitor terá melhor compreensão dos aspectos políticos, sociais e culturais da época que refletem na relação estabelecida entre a autora, o público e a obra. Tal contexto se enquadra num momento marcante da história em que o país se torna independente em 1822, ou seja, no Brasil Império. Desse modo, o romance *Úrsula* publicado no Maranhão, acompanha as transformações do tempo, fatores ideológicos, políticos e artísticos do período oitocentista, que, apesar de seus avanços com ideais abolicionistas, ainda sofre os resquícios da colonialidade. Visto que, na narrativa retrata-se uma sociedade conservadora, patriarcal, misógina, e muito praticante de segregação racial e social. Nesse sentido, o negro e a mulher foram as maiores vítimas desse sistema opressor.

De acordo com a historiografia, antes da criação e publicação de *Úrsula*, por volta de 1821 a 1863 ocorreram vários movimentos de emancipação, insurreições escravas e mobilizações abolicionistas por toda América, umas das mais conhecidas foi a Revolta dos Malês em 1835, na qual escravizados africanos guerrearam por liberdade. No Maranhão, outra revolta que ocorreu devido a acentuada estagnação da economia maranhense foi a Balaiada que iniciou em 1838 e perdurou até 1841. Nesse contexto, é importante salientar que no século XIX o Maranhão se configurava como uma das maiores e mais importantes províncias do Brasil império, constando com base em levantamentos do primeiro censo demográfico em 1872, que mais da metade da população era de escravizados trazidos para trabalhar nas lavouras em benefício da aristocracia rural que desenvolvia o quadro econômico da época. Por essa razão, a maioria de seus habitantes eram analfabetos com apenas uma pequena parcela de homens letrados.

Apesar disso, houve na sociedade ludovicense grande efervescência do jornalismo político e literário devido a intensa atividade tipográfica, a quantidade de periódicos foi tanto naquela época que abriu espaço para participação feminina na esfera pública e de comunicação. E foi num desses que o nome da escritora maranhense passou a ser visto frequentemente pela população, surgindo *Úrsula* em 1859, período pouco depois da proibição do tráfico transatlântico de escravos por meio da Lei Eusébio de Queiroz de 1850. Assim sendo, segundo Morais Filho (1975) em agosto de 1860, o Jornal a Moderação registrava a venda do romance *Úrsula* pela tipografia do Progresso, da autora Maria Firmina dos Reis, professora em Guimarães. Diante disso, é relevante frisar que as produções de autoria feminina passam aos

poucos a serem notadas no início do século XIX, através do enfrentamento de uma série de preconceitos em decorrência do gênero, nesse contexto, muitas autoras foram invisibilizadas como é o caso da Maria Firmina, por isso nesta época foi muito comum as mulheres publicaram suas obras sob pseudônimo.

1.1 Estética romântica e ideologia em *Úrsula*

Com base na literatura escrita por Antônio Candido, pode-se dizer que o Romantismo (1836-1881) foi um movimento político, filosófico e cultural surgiu que na Europa no final do século XVIII e início do século XIX, logo após a Revolução Francesa (1789-1799), com o intuito de superar o absolutismo. Sendo assim, foi um movimento que veio para se opor ao Neoclassicismo, através do legado de liberdade, igualdade e fraternidade. Dessa maneira, a aristocracia com seus princípios feudais de servilismo foi perdendo espaço em detrimento da ascensão burguesa. Assim sendo, compreende-se que a estética romântica surgiu como uma resposta ao quadro histórico formado na Europa no final do século XVIII, para atender aos interesses da classe burguesa, que não estava ligada aos valores clássicos, por isso, nesse período os autores externaram com base nos valores burgueses, sentimentos, visões e críticas apreciando a emoção de uma maneira que não havia ocorrido antes. Essa ideia revolucionária nasce junto ao Iluminismo, enlaçada pela própria dinâmica que haveria de marcar a ascensão da burguesia e as novas formas de dominação dessa classe, logo vai se transformando em formas de opressão, e o progresso tende a se transformar na frustração do presente.

Dessa forma, o Romantismo nasce marcado por um movimento contraditório, em que a afirmação e negação possibilitaram a ampliação do conflito entre o eu e o mundo, o indivíduo e o Estado, proporcionado a inclusão de um individualismo, um sujeito problemático em desarmonia com seu tempo e com a história. Isso proporcionou ao Romantismo extrema emotividade, pessimismo, melancolia, valorização da morte, desejo de evasão e conflito do eu com o coletivo. Então, a cena histórica na qual deve ser pensado o Romantismo se aproxima com os últimos lampejos da aristocraciaabsolutista do século XVIII e o cientificismo urbano e industrial da segunda metade do séculoXIX.

Conforme Candido (2002) o marco inicial do Romantismo na Europa se deu com a publicação do romance *Os Sofrimentos de Jovem Werther*, do escritor Alemão J. Goethe no ano de 1774, o qual demonstrava a força de uma paixão. Ainda segundo a historiografia literária brasileira de Candido (1999), em 1808 com a chegada da família real ao Brasil, D.

João VI assina o contrato de abertura dos portos às nações- amigas, estabelecendo um tratado que reuniu as relações comerciais entre o Brasil e a Inglaterra. O Brasil torna-se o centro do reino português, tendo como resultado a reorganização urbana, por causa da contingência de pessoas que chegaram junto com a família real, mesmo assim isso não foi motivo de desligamento total da metrópole, haja vista, que a produção literária brasileira, ainda seguia os moldes europeus. Foi durante o reinado de Dom Pedro II que começaram a ocorrer aos poucos mudanças neste cenário. Logo, após a independência do Brasil, em 1822, quando de fato, houve um rompimento com os laços da metrópole portuguesa o império brasileiro se destacou com um projeto político que visava a construção da nacionalidade, dessa forma, assim como o país tinha se tornado independente deveria ocorrer o mesmo com literatura e, só assim, a nação conseguiria a legitimação da sua cultura. De acordo com Antônio Candido, em seu livro *O Romantismo no Brasil*,

> um elemento importante nos anos de 1820 e 1830 foi o desejo de autonomia literária, tornado mais vivo depois da independência. Então, o Romantismo apareceu aos poucos como caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo, e, portanto, a identidade, em oposição à metrópole, identificada com a tradição clássica" (CANDIDO, 2002, p. 20).

Essa legitimação se deu com mais intensidade com a expansão do capitalismo que trouxe consigo a concepção de Estado-nação, o que antes era uma nação, isto é, um agrupamento humano fixado em um território cujos membros constituíam uma unidade étnica e cultural, passou a ser Estado-nação, correspondendo a um território identificado como possuidor de uma política legítima subordinada a uma autoridade soberana. Em outras palavras, pode-se dizer que se trata de um conceito que faz referência a coletividade, ou melhor, ao pertencimento de povo que, em determinado território possui cultura, história autêntica e que, diferentemente das monarquias, defende o poder democrático com vínculos tanto políticos quanto econômicos com outros estados-nação que resultam em avanços comerciais. Segundo Candido (1999) é em decorrência dessas transformações ideológicas e político-sociais que surge em 1836 o Romantismo no Brasil com a publicação da obra *Suspiros Poéticos e Saudades*, do poeta Gonçalves de Magalhães. Tal manifestação correspondeu à primeira escolaliterária, e reforçou a procura por uma identidade cultural brasileira própria e trazendo à tona oquestionamento da razão, outrora realçada pelo iluminismo, com ênfase do sentimentalismo e subjetivismo. Assim,

> No Romantismo predomina a dimensão mais localista, com o esforço de ser diferente, afirmar a peculiaridade, criar uma expressão nova e se possível única, para manifestar a singularidade do país e do Eu. Daí o desenvolvimento da confissão e do pitoresco, bem como a transformação do tema indígena em símbolo nacional, considerado *conditio sine qua* para definir o caráter brasileiro e, portanto, legítimo do texto (CANDIDO, 1999, p. 38).

Em conformidade com o argumento supracitado, pode-se afirmar que as intenções políticas da época reforçavam a formação de nacionalidade que definisse e legitimasse a identidade cultural do país, não mais se baseando no modelo europeu. Sendo assim, o Romantismo foi um movimento complexo, diversificado, rico, de grande importância tanto na literatura brasileira quanto na história do Brasil, visto que, objetivava estabelecer projetos que difundissem o ideal de nação no Brasil pós-independência, enaltecendo os elementos que de fato representavam o Brasil, suas características e costumes daquela época. Tempos depois, coma proclamação da república, e a existência dos estados-nação, foi essencial escrever sobre a história da memória colonial e da literatura que revelasse o brasileiro ideal. Sendo assim, conforme Candido "pela altura dos anos de 1850 e 1860, um fato importante foi a voga do romance, que serviu de instrumento para revelar o país através da descrição de lugares e modos de vida" (CANDIDO, 1999, p. 45).

Desse modo, é imprescindível destacar que o Romantismo estabeleceu no Brasil uma base para produções literárias genuinamente nacionais, a partir da participação do francês Ferdinand Denis, que sugeriu para a literatura brasileira, a originalidade do nacional, defendendo a sua separação da literatura estrangeira. Em 1824, o francês escreveu *as Scénes de la Nature sius les Tropique et leur influence sur la Poési*, que apresentou bons argumentos para o projeto nacionalista dos românticos brasileiros e intensificou a ideia de nacionalismo literário como uma das principais características do Romantismo.

Em razão disso, escritores da época a exemplo de Machado de Assis, José de Alencar e a própria Maria Firmina irão se direcionar para um projeto de construção da identidade nacional. Porém, Firmina insere-se nesse contexto de forma diferente dos demais escritores da época, ela rompe com a ideia de valorização da pátria e da natureza, e traz à tona de modo crítico através do discurso afrodescendente e feminino questionamentos de problemáticas sociais como a escravidão no momento que justamente estava havendo várias mobilizações abolicionistas por toda a América. No Maranhão, seu local de origem, vários periódicos literários que começaram a surgir, então começa uma circulação literária a partir daí como assinala Morais Filho (1975). À vista disso, Maria Firma começa criar *Úrsula* com características bem próprias do século

XIX, como a definição da nacionalidade, e aprofundamento de temas sociais e políticos, marcados pelo tom retórico e exaltados pelo desejo de liberdade.

Ademais, é indispensável pontuar que o Romantismo no Brasil possuiu três gerações. A primeira geração foi chamada de nacionalista, exaltando a pátria, a natureza e o índio como herói; a segunda geração denominada ultrarromântica ou mal do século, marcada pelo sofrimento e angústia se voltou para o desapego do nacional e explorando sentimentalismo pela mulher idealizada que era inatingível com pessimismo exacerbado de modo doentio como forma de escapar da realidade e dos problemas sociais da época, através dos escapismo para um passado distante, como por exemplo, para a infância, sonho, e muitas das vezes para a morte. Já a terceira geração, conhecida como condoreira, questionou a ideologia da primeira geração e renovou ao retratar temas sociais que envolviam o cotidiano do Brasil Império, evidenciando em suas produções comprometimento com a causa abolicionista e republicana. Tal geração teve como referência, dentre outras, a poesia de Victor Hugo, poeta francês que se destacou pela verve político-social. Em relação ao contexto político em que se deu o surgimento desta última geração romântica no Brasil, resume Alfredo Bosi que,

> A sua estreia coincide com o amadurecimento de uma situação nova: a crise do Brasil puramente rural, o lento mais firme crescimento da cultura urbana, dos ideais democráticos e, portanto, o despertar de uma repulsa pela moral do senhor – e- servo, que poluía as fontes da vida familiar e social no Brasil – Império (BOSI, 2015, p. 126).

Com isso, fica claro após a leitura do romance *Úrsula*, que as características do Romantismo de modo geral aparecem na narrativa. Porém, com inovações, uma vez que, além da autora descrever a natureza e valorizar o sentimentalismo ao falar das riquezas de sua pátria, como pode ser visto no início do capítulo, “São vastos e belos os nossos campos [...] os campos são qual vasto deserto, majestoso e grande e como o espaço, sublime como o infinito” (FIRMINA, 2018, p. 13). Além disso, ela tem o ineditismo de colocar o negro no seu lugar de fala, sem que seja estereotipado apresentando-o de forma real com sentimento, e mostrando sua cultura sendo usurpada pelos colonizadores. Desse modo, apesar de a obra se assemelhar ao primeiro momento romântico por causa da sua data de publicação, ela encaixa-se em virtude do seu conteúdo na terceira geração romântica, por tratar de temas sociais como a causa abolicionista, algo bastante notável no decorrer de toda a narrativa, observemos “e logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira — era uma escrava! [...] Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível. A sorte me reservava ainda longos combates” (REIS, 2018, p. 88).

1.2 Representação da realidade brasileira

Tendo em vista que a obra foi escrita em 1859, a representação da sociedade brasileira daquela época é muito fácil de ser identificada nesta obra. Deste modo, podemos resumir que essa realidade se divide sob duas perspectivas: A primeira que podemos observar, é que a maior parte da população da época era formada por escravos, mostrando-nos as condições de vida e de sofrimento que afligiam suas almas, no decorrer da narrativa descreve-se essa triste realidade que se passava com muitos escravos, vejamos: “Que me tragam sem detença Susana. Ouvis, senhor? Que a traga de rastos. Que a atem à cauda de um fogoso cavalo, e que o fustiguem sem piedade” (REIS, 2018, p. 138). “Encerrem-na na mais úmida prisão desta casa, ponha-a lhe corrente aos pés, e à cintura, e a comida seja-lhe permitida quanto baste para que eu a encontre viva” (REIS, 2018, p. 143).

Além dessas condições de vida, outra situação comum no Brasil colonial era as constantes desembarcações de navios com negros vindos da África, para serem explorados em nossas terras. Essa cena é descrita no romance, vejamos: “meteram-me a mim e mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias, de cruéis tormentos [...] até que avistamos as praias brasileiras” (REIS, 2018, p. 88). Assim, Firmina relembra essas tristes e dolorosas viagens, que quase numa totalidade eram acompanhas da falta de alimento, água e espaço, já que os navios vinham superlotados e para evitar fuga ainda os acorrentavam, com toda esta miséria, muitos deles não sobreviviam e com isso eram lançados ao mar.

A segunda perspectiva que forma a realidade brasileira constitui-se da elite que era composta pelos senhores, fazendeiros e suas famílias, que normalmente eram impetuosos em relação aos escravos como é o exemplo de Fernando P. Outro ponto destacado na obra se refere aos casamentos da época que é bem exemplificado pelos pais de Tancredo, pois, o matrimônio era composto pela figura feminina que deveria ser sempre aquela que era submissa, temente e obediente ao esposo, enquanto o homem se encontrava numa perspectiva patriarcal, provedora e normalmente rude “Ah, ela temia seu esposo, respeitava-lhe a vontade férrea” (REIS, 2018, p. 50). “Meu pai era para com ela um homem desapiedado e orgulhoso – minha mãe era uma santa e humilde mulher” (REIS, 2018, p. 47). Na maioria dos casos, esses casamentos eram feitos por conveniência e as mulheres em maioria viviam tristes e ou insatisfeitas, porém, raramente se divorciavam, pois, este ato era muito mal visto na sociedade, visto que em muitos casamentos era normal então a interferência dos pais, principalmente quando o casamento não lhes parecia conveniente e quando as situações financeiras eram distintas. Tal fato, é bem

representado pelo pai de Tancredo que não aceita que ele despose Adelaide por ela ser pobre e órfã.

Além dessas duas conjunturas que integravam o cenário do século XIX, cabe aqui ressaltar um costume bem recorrente que Firmina expõe em *Úrsula* que se refere ao estilo de vida dos filhos dos senhores fazendeiros que eram os únicos a terem acesso à escola. A alfabetização era um privilégio que só quem tinha condições financeiras na época conseguia ter acesso, sendo também muito comum a viagem para outra cidade ou até mesmo outro país para cursar um nível superior "Só apartei-me de minha mãe quando fui para São Paulo cursar as aulas de Direito" (REIS, 2018, p.45). Diante disso, é válido salientar que o acesso à educação no século XIX era ofertado apenas à elite branca e masculina, não sendo permitida às mulheres, fosse ela branca, negra, rica ou pobre. Isso porque, os padrões morais da época as viam apenas como cuidadora do lar e dos filhos, e além disso desprovidas de capacidade intelectual. Sendo portando, silenciadas e consequentemente desumanizadas.

2. VOZES FEMININAS EM UNÍSSONO

Na segunda metade do século XIX, os papéis designados a homens e mulheres eram bem definidos, havia a natureza do sexo masculino e feminino biologicamente pré-determinada, tal divisão foi o principal pretexto para justificar as imposições e limitações do papel destinado às mulheres. Com isso, opressão, submissão e silenciamento foram algumasdas palavras que acompanharam a mulher brasileira ao longo dos séculos, visto que o patriarcalismo exacerbado e a dominação masculina se deram em diferentes áreas da sociedade, fazendo com que as vozes femininas fossem historicamente sufocadas, por meio da violência moral, psicológica e até física. Tanto no âmbito histórico como no literário a construção da identidade feminina sempre fora condicionada à vontade masculina e em posição inferior, constituindo-se, então, uma visão estereotipada como dóceis, submissas, procriadoras e pouco humanizadas, pois lhes era censurado poder de fala.

A representação feminina que se movimenta no romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, mostra a idealização que foi relegada a mulher, numa condição de fragilidade, dependência, irracionalidade e serventia, servindo de posse e objeto nas mãos de homens autoritários, que as impediam de ocuparem outros espaços, funções e papéis sociais. Esta perspectiva de subalternidade colocada sobre essas mulheres do século XIX, as quais eram impossibilitadas de se manifestar e se autorrepresentar desde a ancestralidade torna-se desfeita na narrativa, visto que, cria-se espaço de fala, no qual as personagens femininas passam a serem ouvidas e importunar quem antes as sujeitavam e silenciavam. Desse modo, a autora traz em *Úrsula* um ponto de vista incomum e inovador ao tratar a questão do patriarcado destacando as vozes subalternas na narrativa com discursos que revelam a condição do gênero feminino, por meio da voz de mulheres vítimas da violência, que buscaram resistir a esse sistema sexista da maneira que lhes era possível.

Essas vozes da narrativa firminiana se pautam no contexto social e político do Brasil oitocentista, a fim de levantar críticas sobre a situação feminina em vários aspectos. Para entender de forma ampla esse contexto da condição feminina no século XIX, manifestado através de suas próprias vozes, será analisada a voz da personagem protagonista Úrsula, e da Preta Susana, que dentre as personagens secundárias é a que ocupa um papel de maior destaque e importância na narrativa. Essas personagens possuem diferenças culturais de raça e posição social, revelando assim o feminino a partir de múltiplas perspectivas, que se desdobram em diferentes papéis sociais, que são condicionados culturalmente unificando o gênero feminino, dado que as ideias dessas personagens perante a masculinidade acabam sendo semelhantes,

apesar de estarem em situações distintas. Enquanto, Úrsula, uma jovem branca, filha de Luiza B, sofria com as maldades de seu tio. Preta Susana, por outro lado, estava exposta às violências de seus senhores pelo fato de ser negra e escravizada, sendo considerada posse daqueles para quem era forçada a trabalhar, por esse motivo sua dimensão feminina se desdobrou em diferentes papéis.

A autora demonstra o patriarcado da época por meio do antagonista da história Fernando P, que representa a masculinidade branca, tratando as mulheres como objeto e com posse. Este homem ruim, não aceitava ser contrariado, questionado ou ter a sua vontade negada, tendo poder de vida e morte sobre todos da narrativa, inclusive sob suas esposas, filhos, parentes e escravos. À medida que esse patriarcalismo vai sendo revelado, surge também na narrativa um jovem branco chamado Tancredo, a sua voz desse rapaz se caracteriza como uma exceção em relação aos demais homens brancos da época, visto que a partir dela ele critica o sistema patriarcal imperante, falando abertamente o modo de tratamento do marido machista, típico no século XIX, nas províncias do Brasil, com isso seu papel na narrativa é de denunciar as injustiças e violências decorrentes da desigualdade de gênero, vejamos:

> Não sei por quê, mas nunca pude dedicar a meu pai amor filial que rivalizasse com aquele que sentia por minha mãe, e sabeis por quê? É que entre ele e sua esposa estava colocado o mais despótico poder: meu pai era o tirano de sua mulher; e ela, triste vítima, chorava em silêncio, e resignava-se com sublime brandura. [...] Quantas vezes na infância, malgrado meu, testemunhei cenas dolorosas que magoavam, e de louca prepotência, que revoltavam! [...] É que as lágrimas da infeliz, e os desgostos que a minavam, tocavam o fundo da minha alma (REIS, 2018, p. 47).

Com base no exposto, pode-se dizer que Tancredo configura-se no romance como uma complexação do gênero feminino. Historicamente, este gênero teve que enfrentar diversos desafios ao longo dos séculos, um deles foi a liberdade de expressão que no século XIX, era um direito restrito apenas a homens brancos. Contudo, neste mesmo século as personagens Úrsula e Preta Susana do romance de Maria Firmina dos Reis, quebram os paradigmas impostos, passando a terem destaque com suas vozes.

2.1 Úrsula

A personagem Úrsula caracteriza-se na narrativa como uma heroína tipicamente romântica, ou seja, uma bela jovem branca vista como frágil e ingênua, comparada de forma frequente como “mimosa filha da floresta”, “anjo”, “flor educada na tranquilidade dos campos”, “pobre donzela”, “rosa no meio das açucenas”, vejamos:

> Engolfava-se de dia para dia em mais profunda tristeza, que lhe tingia de sedutora palidez as frescas rosas de suas faces aveludadas. Pouco e pouco desbotava-se lhe o carmim dos lábios e os olhos perdiam seus vívidos reflexos, sem que nem ela própria dessa fé dessa transformação [...] fazendo-lhe vibrar nas suas cordas todos os simpáticos eflúvios que emanavam do peito cândido e descuidoso da virgem. Esse alguém amava a palidez de Úrsula, esse alguém adorava-lhe a suave melancolia, e o doce langor de seus negros olhos (REIS, 2018, p. 34)

Sob o ponto de vista psicológico, a personagem Úrsula representa a imagem feminina no Brasil oitocentista no momento em que os ideais da estética romântica estavam em voga. Diante disso, ela configura-se a partir do estereótipo angelical de uma mulher pura e virgem que necessita da proteção de um homem. Esta moça de caráter bom e digno vive com sua mãe acamada Luiza B, uma sinhazinha decadente, e os escravos Túlio e Preta Susana. Úrsula fala dentro do papel da mulher branca romântica com todas aquelas angústias de uma mulher de classe média, que apesar de possuir escravos é destituída de posses ficando à mercê dos crimes e abusos dos senhores. Tal fato é visível no amor de Úrsula por Tancredo e no final trágico desse relacionamento, já que ela acaba se tornando objeto de desejo de seu tio Fernando P.

A partir do momento que Úrsula vai para a mata para amenizar a saudade de Tancredo relembrando os momentos marcantes que teve com ele. Logo, seu tio Fernando P ao ver ela na mata e se apaixona imediatamente, cercando e admirando-lhe com um olhar sinistro, e ela assustada reage com frieza: “Por fim, a moça desembaraçou de entre as mãos as faces cândidas e aveludadas, e olhou em cheio, com horror, com desdém, para o seu mudo companheiro.” (REIS, 2018, p.94). À medida que seu tio Fernando P se aproxima, Úrsula já começa a sofrer pressão psicológica, mas em momento nenhum ela expressa fraqueza perante esse homem desconhecido. Assim sendo, ela fala:

> — Oh, quem quer que sejais, senhor, que me quereis? Segui o vosso caminho, e deixai-me sossegada e tranquila. [...] Acabai, senhor — continuou ela —, esta penosa entrevista. A vossa presença não só incomoda-me, como me causa susto (REIS, 2018, p. 96).

Nessa situação, fica perceptível que Úrsula profere de forma direta, sincera e sem receio toda a sua repulsa diante da presença daquele homem que lhe era desconhecido, Fernando P. Essa foi a forma que ela encontrou de resistir, pois, ao ouvir suas palavras, Fernando P percebeu o quanto Úrsula era destemida e ciente de sua vulnerabilidade e dos perigos que a cercavam pelo fato de ser mulher e estar sozinha em uma mata. Então, Fernando P ao notar a dificuldade

de aliciar e coagir Ursula, mente para ela tentando convencer-lhe que era amigo de sua mãe, e logo, a jovem afirma:

> Minha infeliz mãe vergou sob a influência de uma sorte adversa, gemeu até hoje as dores de uma penosa enfermidade, chorou com amargura uma viuvez prematura, e a orfandade de sua filha, e nunca um amigo generoso, ou uma alma sensível, nunca, senhor, enxugou-lhe a lágrima ardente, que lhe queimava as faces. Nunca Luíza B. teve amigos. Zombais, ou faltais à verdade (REIS, 2018, p. 97).

Nesta fala, Úrsula foi de encontro a mentira de Fernando P desmascarando-o. A partir disso, ela mudou sua posição tornando-se superior, à medida que reagia violando a honra de Fernando P. Tal ato configurou-se como uma extrema valentia diante do contexto sexista da época. Todavia, mesmo perante tamanha afronta, Fernando P, não parou de galantear Úrsula, que ficou muito contrariada com a obstinação desse homem respondendo-lhe:

> — Sim, tínheis razão quando dissestes que eu vos odiava. Sois obstinado em incomodar-me; sabei, pois, que me é insuportável a vossa presença. Vedes esta avezinha? Para que a matastes? Não era ela tão inocente e bela? A dor do seu coração feriu o meu, e o seu sangue tingiu-me os vestidos. Esse ato de inútil crueldade faz-me aborrecer-vos (REIS, 2018, p. 97).

Ante o exposto, observa-se que Úrsula sentiu-se livre para expressar seus sentimentos de rejeição por esse homem que ela acusa de assassino. Nesse contexto, vemos ela como uma mulher independente que se nega a ser obediente as imposições patriarcais do século XIX através de sua voz acusatória e de defesa contra as opressões. No mais, nota-se que mesmo diante do comportamento de Úrsula, Fernando P, que foi insultado não deixou de implorar sua atenção, deixando-a furiosa a ponto de dizer:

> — Uma palavra?! Aguardais uma palavra minha? Pois bem! Abusastes por demais da minha fraqueza. Estou só, o lugar é ermo, tudo vos protege, e vos anima. Se fôsseis mais cavalheiro, seríeis comedido em expressões, que sempre foram tidas por ofensivas quando ditas por estranhos, e nunca chegaríeis a uma impertinência tão desagradável (REIS, 2018, p. 99).

Depois de ouvir isso, Fernando P ainda pede a Úrsula em nome de Luiza B pelo menos uma palavra que lhe cause ânimo, e Úrsula replica com enérgica viveza: "— Oh! Não, nunca!" (REIS, 2018, p.99). Diante dessa afirmação final, Fernando P revela para Úrsula sua verdadeira personalidade de homem tirano dizendo-lhe em um tom alterado de ameaça e súplica:

> Rogai ao céu para impune que vos possa esquecer; porque se meu amor prosseguir assim, extremoso, indomável, apaixonado, haveis de ser minha, porque ninguém me desdenhamente. Ouvis? […] — Oh! por Deus, não troqueis a ventura pela dor, e quem sabe pelo. . . (REIS, 2018, p.100).

A partir desta fala é possível compreender que Fernando P quis fazer de Úrsula a sua propriedade privada. Porém, não conseguiu, visto que Úrsula fugiu. Dessa forma, podemos representa-la como uma mulher que escapa dos valores tradicionais impostos pelo patriarcado, já que ela mesmo com medo não aceitou se submeter a ordem de Fernando P, que não conformou com o que aconteceu continuando a falar, já na ausência de Úrsula.

> — Mulher! Anjo ou demônio! Tu, a filha de minha irmã! Úrsula, para que te vi eu? Mulher, para que te amei? Muito ódio tive ao homem que foi teu pai: ele caiu às minhas mãos, e o meu ódio não ficou satisfeito [...] Mulher altiva, hás de pertencer-me ou então o inferno, a desesperação, a morte serão o resultado da intensa paixão que ateaste em meu peito (REIS, 2018, p.100-101).

Um detalhe interessante após este discurso de Fernando P é o termo mulher altiva utilizado para se referir à Úrsula, posto isso fica claro que a voz de Úrsula traz consigo uma perspectiva de mulher arrogante, insubmissa, indisciplinada e soberba. Uma vez que diante de seu tio ela se torna resistente, não cumpre as ordens, mente e foge. Esses atos subversivos configuram-se atípicos para uma mulher do século XIX, então a construção de Úrsula no decorrer da narrativa sofre uma gradação positiva, pois de frágil ela se eleva transformando-se em uma mulher cada vez mais forte, empoderada e consciente.

Ademais, quando Úrsula descobre que aquele caçador que ela encontrou na mata é o seu tio, o teme pelo histórico de sofrimento causado à família, prevendo os infortúnios que o destino lhe reservava, ela foge configurando mais um ato de bravura diante das fortes circunstâncias obscuras que lhe apareceram. Assim sendo, Úrsula que não tinha direito de escolha sobre o seu futuro, passa a criar coragem e obstinação para alcançar seus propósitos, preferindo a loucura ou morte, a ser esposa de seu tio algoz:

> E Fernando P. conheceu que estava punido! Varreram-se suas afagadoras esperanças. Nesses olhos espantados e brilhantes, nesse andar incerto e nesse sorriso descomunal reconhecera que estava louca! Passou algum tempo nessa posição, e depois esse homem robusto, altivo, feroz e colérico chorou como débil criança. [...] Então o comendador saiu correndo, porque a presença dessa mulher matava-o (REIS, 2018, p.166).

A partir disso, vemos que o ato de transgressão da personagem Úrsula, consistiu em não ceder às vontades e luxúria de seu próprio tio, isso foi possível graças a sua capacidade de raciocínio, e sobretudo sua voz que ecoou um forte grito de liberdade em honra da sua família.

2.2 Preta Susana

Outra personagem de destaque na narrativa é a Preta Susana, a qual é caracterizada como velha, negra e escravizada, com traços que remetem a sensações de sofrimento, angústia e dor, vejamos:

> E aí havia uma mulher escrava, e negra como ele; mas boa, e compassiva, que lhe serviu de mãe enquanto lhe sorriu essa idade lisonjeira e feliz [...] Susana, chamava-se ela, trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cans (REIS, 2018, p. 84).

A partir desta descrição física da personagem é possível observar uma quebra dos modelos estereotipados de mulher negra comuns na época, de mulher sensual e de beleza exótica. Sendo assim, podemos notar um diferencial na obra firminiana, dado que, até então, as figuras femininas negras eram criadas a partir de concepções eróticas, na qual o corpo negro era extremamente sexualizado e objetificado. Ao invés disso, Firmina apresenta Preta Susana como uma personagem de corpo e memória, que traz no corpo as marcas de suas vivências e experiências de ser negra em um país escravista. Quanto ao ponto de vista psicológico, esta personagem é retratada como uma mulher forte, questionadora, paciente, resistente, sábia e guardiã de uma grande observação do mundo.

Por essa razão, a africana Preta Susana narra sua própria história, com domínio e consciência crítica, contando as suas vivências, as quais desvelam os mistérios da trama ao leitor, configurando assim uma personagem ativa e decisiva dentro do enredo. Dessa forma, Preta Susana cria seu lugar de fala na condição de mulher negra escravizada, rompendo com o silêncio que lhe foi imposto por conta da escravidão. Para Muzart (2000) esse é um dos pontos altos do romance, visto que inaugura a fala sujeito feminino negro na literatura brasileira, mostrando uma visão diferente do passado dos negros africanos.

Esse discurso ancestral carregado de subjetividade e memória de Preta Susana é proferido e intensificado à medida que ela dialoga com Túlio, um jovem negro afrodescente e escravizado, que lhe considera como uma mãe. É ela quem constitui e forma, este personagem negro, o qual se torna parâmetro para o homem branco, que se chama Tancredo. Diante disso, podemos dizer que as falas de Preta Susana revelam a voz da sabedoria, que tem consciência do processo da escravidão, uma vez que, é ela quem propõe reflexões para Túlio e o orienta, sendo assim podemos interpretar as palavras dessa personagem como falas de denúncia. Por se tratar de uma voz que além de relatar a escravidão, comenta e anuncia previsões que se

cumprem preparando o leitor para o prosseguimento da narrativa. Isso fica claro quando Túlio se dirige até mãe Susana para se despedir e falar de sua carta de alforria, afirmando que acompanhará Tancredo, e ela responde:

> Ou eu me engano, ou tu vais dizer-me o último adeus! — Túlio — continuou —, não sabes quanto sofro quando recordo-me de que a nossa querida menina vai tão breve ficar só no mundo! Só, Túlio! Quem a acompanhará? Quem poderá consolá-la! Eu? Não. Pouco poderei demorar-me neste mundo. Meu filho, acho bom que não te vás. Que adianta trocares um cativeiro por outro! E sabes tu se aí o encontrarás melhor? Olha, chamar-te-ão, talvez, ingrato, e eu não terei uma palavra para defender-te (REIS, 2018, p.85-86).

Além de antecipar qual será o destino de Túlio por conta das suas escolhas, elatambém prever a orfandade da jovem Úrsula. Com isso, Túlio ao tentar se justificar da decisão, demonstra seu carinho por mãe Susana e expressa reconhecimento por Tancredo que lhe tirou da escravidão, concedendo-lhe a liberdade. Logo, Preta Susana profere: "— Tu! Tu, livre? Ah, não me iludas! — exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. — Meu filho, tu és já livre? ..." (REIS, 2018, p.86). Através desse questionamento moralizante, Preta Susana começa explicar a Túlio os limites e os vários significados de liberdade para o corpo negro no país. Nesse contexto, é válido salientar que diferentemente, de Túlio, que já nasceu escravizado no Brasil, Preta Susana foi trazida à força do continente africano, e por isso mesmo, diz a Túlio que ele não saberá o que é liberdade mesmo ele sendo alforriado, e que não era possível ser livre sozinho, uma vez que um único indivíduo cercado por seus pares escravizados não tem plena liberdade. Desse modo, ela critica a alforria de Túlio afirmando ser uma falsa liberdade, já que o mesmo continuaria sendo escravo de forma velada, na tal sociedade racista.

Em seguida, a personagem recorda com saudosismo e apreço o seu direito de liberdade que foi tirado, ao relatar suas lembranças anteriores a escravidão, ela fala que sua identidade social era de mulher negra, livre, esposa, mãe, filha e trabalhadora rural. Além disso, ela evidencia sua felicidade ao lado da família e lamenta a sua captura forçada, é por meio dessas lembranças da personagem, que a autora mostra ao leitor a realidade vivida pelo cativo no Brasil escravocrata e patriarcal. Dessa forma, Preta Susana esclarece para Túlio verdadeiro sentido da liberdade, vejamos:

> Liberdade! Liberdade. . . Ali eu a gozei na minha mocidade! — continuou Susana com amargura. — Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor; eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso

> nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah, meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma. Uma filha que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah, Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! (REIS, 2018, p.87).

A partir deste momento, a personagem Preta Susana, através de sua voz dotada de consciência e agência histórica, começa desfazer as teias da opressão e do silenciamento gerados pela escravidão, criando um signo novo de significações da existência colonial, e mostrando o negro enquanto sujeito de uma experiência histórica subjacente à escravização com seus vínculos afetivos, pertencimentos territoriais e ética de existência coletiva. Em razão disso, notamos nela a memória, o conceito de liberdade e uma visão de mundo que nos permite refletir sobre o passado e reconhecer a formação de nossa própria civilização. Outrossim, fica claro no discurso de Preta Susana que a história do negro começa na África e não com a escravidão no Brasil, pois ao tematizar pela primeira vez na literatura o continente africano, evidenciando-o como um espaço civilizado, no qual o individual e a coletividade se harmonizam, esta personagem tece uma imagem da África sendo o oposto do Brasil, com sua voz política que denuncia o conquistador europeu como bárbaro.

Assim sendo, em sua fala Preta Susana recupera todo o processo de escravidão, à medida que descreve como as pessoas negras eram sequestradas no continente africano e levados a força para o Brasil. Por esse motivo, ela se comporta na narrativa expressando a dor de ser obrigada a abandonar seu lar, seus afetos e a própria chance de decidir sobre seu destino. Com isso, Preta Susana prossegue relatando detalhadamente o momento de seu sequestro e da perda abrupta de sua liberdade:

> Vou contar-te o meu cativeiro. Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o amendoim eram em abundância nas nossas roças. [...] Ainda não tinha vencido cem braças do caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo eminente que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira — era uma escrava! Foi embalde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. [...] Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava — pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus, o que se passou no fundo da minha alma, só vós o pudestes avaliar! (REIS,2018, p.87-88)

Nesse ínterim, é importante salientar que apesar das crueldades sofridas ao longo de sua vida, Preta Susana em momento algum torna-se submissa ou omissa diante dos acontecimentos.

Pelo contrário, com sua voz, ela se afasta da figura de escrava subordinada, que era caracterizada nos romances da época, em que a mulher negra não tinha espaço e vez, e se torna uma pessoa ativa, forte e independente dentro da narrativa, evidenciando as atrocidades do sistema escravocrata, ao chamar atenção para o sofrimento que era imposto as pessoas negras, ecoando que a escravidão era uma dor muito grande para todos que eram vítimas dela. Então, é graças a essa voz subversiva, que excede a censura imposta pelo poder patriarcal, que podemos adquirir consciência do passado histórico, a partir do momento que ela expõe a realidade que vivenciou no navio negreiro e como foi a chegada às terras brasileiras:

> Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. [...] Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé, e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa: davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca; vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim, e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo — davam-se à morte. Nos dois últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozear.Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que escaldou-nos e veio dar a morte aos cabeças do motim. (REIS, 2018, p.88-89).

Este relato de Preta Susana configura um dos pontos mais sensíveis da narrativa em que há uma confirmação da ideia de Antônio Candido (1993) no momento em que afirma que o Romantismo passa a ser configurado não apenas como uma arte, mas também como um ponto de vista. No romance de Maria Firmina dos Reis vemos que a escravidão é apresentada, sob o ponta de vista de Preta Susana, como um crime praticado contra os povos africanos. Visto que, ela lembra com revolta e resignação a forma como os escravos, eram animalizados e violentados por seus senhores, mostrando os horrores, as doenças e as sujeiras encontradas no navio negreiro, para apontar a violação dos direitos humanos.

Desse modo, através de sua fala em primeira pessoa carregada de aspectos antropológicos, que permitem enxergar a existência do escravo no seu aspecto real, ela projeta as vozes de muitos outros escravizados, reproduzindo assim um discurso “que adquire sentido genérico à medida que ele passa da emoção a uma concepção de vida” (Candido, 2006, p.70). Portanto, pode-se dizer que a relevância da personagem está no seu perfil de denunciante, mostrando a construção da identidade de quem viveu no período da diáspora negra.

Diante disso, acrescenta-se a ideia de que Preta Susana configura-se como porta-voz da verdade histórica, devido a sua profunda fidelidade ao narrar os fatos ocultos da diáspora africana na história do Brasil na condição de vítima. Portanto, ela se torna a personificação da

questão da luta em relação ao gênero, sendo a voz feminina que é representada com consciência das opressões, que não aceita exploração e que levanta a sua voz para combater o escravismo fundamentando-se nos valores cristãos. Por essa razão, ao discordar da maneira pela qual seus irmãos são tratados e escravizados, ela nos convida à reflexão, questionando porque criaturas humanas semelhantes se tratam de forma tão cruel. A partir desse questionamento fica claro que Preta Susana não se sente inferior ao branco por causa da sua cor, visto que, para ela não há distinção além da biológica, uma vez que, somos todos irmãos concebidos pelo mesmo Deus cristão, e que faz parte da mesma raça, isto é, a humana.

Desse modo, vemos uma personagem que apesar de ser vítima não se torna algoz da escravidão, já que constantemente ela compartilha com Túlio os seus infortúnios e lamentações, expressando sua insatisfação com a vida, devido às opressões físicas e psicológicas que ela e seus irmãos sofriam:

> O comendador P. foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! [...] Ele derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que se dava a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. [...] Pouco tempo depois casou-se a senhora Luíza B., e ainda a mesma sorte: seu marido era um homem mau, e eu suportei em silêncio o peso do seu rigor. E ela chorava, porque doía-lhe na alma a dureza de seu esposo para com os míseros escravos, mas ele via-os expirar debaixo dos açoites os mais cruéis, das torturas do anjinho, do cepo e outros instrumentos de sua malvadeza, ou então nas prisões onde os sepultavam vivos, onde carregados como ferros, como malévolos assassinos acabavam a existência, amaldiçoando a escravidão, e quantas vezes os mesmos céus (REIS, 2018, p.89-90).

Este relato de Preta Susana sobre o seu processo de aculturação evidencia a sua realidade na condição de escrava, ao mesmo tempo que mostra uma personagem consciente da perda de sua dignidade mediante uma pressão violenta e difícil de fugir do mandonismo patriarcal. Ademais, a personagem também denuncia a violência da cultura colonial praticada sobre a mulher branca, sendo assim, Luiza B, a mãe de Úrsula, serve de objeto para a crítica desenvolvida acerca da situação da mulher dentro do espaço doméstico, representado o limite máximo de opressão do homem sob a sua esposa. No mais, em face de tantas injustiças, Preta Susana chega a desejar a própria morte e lamenta não ter tido a "sorte" de vir a óbito, pois, para ela a morte era a única forma de libertação. E por fim, já entregue a própria sorte a personagem se nega a ajudar o comandante Fernando P. a encontrar Úrsula e Tancredo, que haviam fugido, sendo então sentenciada à morte:

> — Levem-na! — «tornou acenando para Susana» — Miserável! Pretendeste iludir-me... saberei vingar-me. Encerrem-na em a mais úmida prisão desta casa, ponha-se-lhe corrente aos pés, e à cintura, e a comida seja-lhe permitida quanto baste para que eu a encontre viva. Susana ouviu tudo isto com a cabeça baixa; depois ergueo-a, fitou os céos, onde a aurora começava a pintar-se, como se intentasse dar à luz seu derradeiro adeus, e de novo volvendo para o chão, exclamou: — Paciência! (REIS, 2018, p. 143-144).

De acordo com Bosi (2002) resistir seria impor a própria força a força alheia. Ao analisar, o comportamento e fala da personagem no trecho acima, observa-se uma resistência muito significativa, já que negar auxílio ao seu senhor é tomar poder de lugar e fala. É importante ressaltar que o termo "paciência", empregado pela personagem demonstra cansaço e exaustão de tanto sofrimento. Observa-se ainda que nesta fala existe uma transgressão, firmada na ironia, já que depois de tantas experiências negativas vividas, a morte não amedrontava, nem lhe entristecia. Em sua última aparição, depois de morta, Preta Susana consegue perturbar o seu assassino. Tal fato corrobora a força que sua voz possui na narrativa, configurando um eco que permaneceu no arrependimento de Fernando P de forma anônima, perturbando-lhe a consciência.

> — Vedes? — lhe disse apontando com o dedo na direção do poente. — É ela, é Susana!
> O comendador levantou maquinalmente a cabeça e olhou.
> Em uma rede velha levavam dois pretos um cadáver envolto em grosseira e exígua mortalha; iam-no sepultar.
> Então Fernando P. estremeceu, porque aos ouvidos ecoou- lhe uma voz tremenda e horrível que o gelou de medo. Era o remorso pungente e agudo, que sem tréguas nem pausa acicalava o seu coração fibra por fibra. (REIS, 2018, p.168).

Em síntese, pode-se considerar Preta Susana como um sujeito de identidade definida, a partir das situações vivenciadas, ou seja, uma personagem resistente, que vozeia e se recusa à submissão da mente, preservando sempre as memórias da vida em liberdade. Enfim, uma mulher negra que se caracteriza mais por sua voz e ações, do que pelas descrições que lhe foram feitas.

3. Maria Firmina dos Reis: vida e obra

De acordo com Telles (2002, p.409) “a conquista do território da escrita, da carreira de letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil”. Assim sendo, somente no final do século XIX elas passam a ter direitos, que, inclusive são incompletos atualmente. Em decorrência dessas mudanças, aos poucos foram surgindo no universo literário mulheres com “rebeldia e desobediência aos códigos culturais vigentes” (TELLES, 1989, p. 75). Uma delas foi a maranhense Maria Firmina dos Reis (1822- 1917), nascida na pequena cidade de Guimarães, filha de João Pedro Esteves, um homem de origem desconhecida, e de Leonor Felipa dos Reis, uma escrava alforriada.

Segundo Morais Filho (1975) esta mulher mulata e nordestina, participante ativa da vida intelectual e política do Maranhão foi prosadora, poeta, compositora, professora e ativista de causas educacionais. Ao longo dos seus 95 anos de vida Firmina não casou, adotou filhos e conviveu com escravos quando foi morar com sua tia em São Luís, onde viveu o resto de sua vida. Ademais, Maria Firmina é considerada em nossa literatura, a primeira escritora mulata que se tem notícia sendo reconhecida como precursora da prosa abolicionista no Brasil.

Em sua trajetória Maria Firmina, foi contemporânea de Gonçalves Dias (1823-1864) e Aluísio de Azevedo (1857-1913), além disso se tornou uma figura popular bastante conhecida na localidade onde morava, graças a sua presença constante na imprensa local, com seus poemas, crônicas e outros textos de ficção, contribuindo a diversos jornais como “A verdadeira marmota”, “Seminário Maranhense”, “O domingo”, “A pacotilha”, “Federalismo”, sendo relativamente consultada e respeitada. E também por ter sido a primeira professora de Primeiras Letras da região, com o título de mestra régia. Esta não era uma mulher de posses, nem realmente pobre, autodidata, ela teve contato muito precoce com a literatura, devido aoambiente efervescente de influência cultural que estava inserida, e por ser prima do gramático Francisco Sotero dos Reis (1800-1871). Soma-se a isso o fato de ela ser incansavelmente curiosa e visionária fez dela uma mulher bem formada e revolucionária, apesar de não ter tido acesso ao estudo formal; chegando a ser admitida no restrito círculo de letrados locais, fato incomum para uma mulher mulata nascida no século XIX.

Em 1847 prestou concurso no Maranhão para a instrução primária, e foi aprovada, lecionando primeiras letras até 1881, neste mesmo ano, fundou a primeira escola gratuita mista de educação gratuita no Brasil, no povoado de Maçaricó, na cidade de Guimarães, esta escola durou pouco mais de dois anos por causa de polêmicas. E em 1888, compôs o hino da libertação

dos escravos. As suas produções literárias foram escritas nos primórdios do século XIX, com bastante diversidade e pluralidade, entre as principais destaca-se *Úrsula* (1859), *Gupeva* (1861/1862), romance voltado para uma temática indianista, poemas de P*arnaso maranhense* (1861), *Cantos à beira-mar* (1871) e o conto antiescravista, "A escrava" (1887), todas de valor inestimável em virtude da inegável qualidade literária.

Deste modo, Firmina através de uma voz profundamente legítima criava em suas escritas, retratos da formação da sociedade brasileira com sua cosmovisão antenada ao período oitocentista, sendo assim ela foi uma voz mensageira relevante da expressão feminina frente a uma época na qual o universo era marcadamente masculino, ou seja, patriarcal. Esse ato de bravura em descrever um lado da história, que na época muitos escritores se recusaram a falar, colocando à tona temas polêmicos como a escravidão, o sexismo e o espaço da mulher em uma sociedade escravista, fez com que *Úrsula*, o seu primeiro e mais conhecido romance fosse encoberto e ignorado pouco tempo depois de ser publicado através de uma subscrição pública.

Esse romance obteve em 1859, uma considerável visibilidade regional, recebendo anúncios elogiosos de boas vindas da escritora ao universo das letras maranhenses, como também teve críticas que sempre colocavam em dúvida a qualidade do texto dela, fazendo relação ao gênero da escritora e dificilmente ao conteúdo, já que na época não era bem visto pela sociedade elitista relatar as crueldades vividas por escravos e mulheres. Com isso, o uso de técnicas textuais de fácil aceitação, não foi o suficiente para manter o romance em ampla circulação, acarretando na invisibilidade tanto da obra como da autora. Da obra em razão da temática e por ter sido publicada de forma restrita apenas na localidade, distante do eixo Rio-São Paulo que eram grandes centros de poder na época. E da autora, por causa de sua raça e gênero. Uma informação relevante com relação ao seu apagamento se refere a ausência de sua imagem que até os dias atuais é formada a partir de retratos falados. Dessa forma, pode-se dizer que sua trajetória foi de ostracismo e marginalização, por conta dos fatores acima citados e por seu ponto de vista ser diverso à visão eurocêntrica.

Contudo, esta obra que passou por um silenciamento sistêmico é descoberta depois de mais de um século, pelo bibliógrafo Horácio de Almeida (1896-1983) que a localiza em 1962 junto a um lote de livros usados, que adquiriu em um sebo do Rio de Janeiro um exemplar original de *Úrsula* da primeira e única edição impressa pela tipografia do progresso. Este romance não possuía autoria definida, sendo publicado sob um pseudônimo "uma maranhense", isso despertou a curiosidade do pesquisador, fazendo-o localizar depois de incansáveis pesquisas dentro do Maranhão, a escritora Maria Firmina dos Reis, através do jornalista José Nascimento Morais Filho (1922-2009), que também se interessou pela autora quando

encontrou em 1973 um exemplar de *Úrsula* na biblioteca Benedito Leite, no Maranhão, diante de tanto encantamento, o mesmo procurou ler nesta biblioteca os diversos jornais e periódicos da época que dava conta de informações históricas e psicológicas sobre a autora, conseguindo então definir a sua autoria.

Depois disso, foi ele quem lutou para resgatar a memória de Maria Firmina dos Reis, dando voz, vez e lugar a ela tanto no cenário intelectual maranhense, como em todo o território nacional, criando a sua primeira biografia em 1975. Sendo assim, os responsáveis pela edição fac-similar de *Úrsula* em 1975, foi Horário de Almeida, que escreveu o prefácio e Morais Filho que se encarregou organizar esta segunda edição. A terceira edição só veio treze anos depois, em 2004. No ano de 2009, também houve outra. Porém, foi nos últimos três anos, em decorrência do centenário da morte da autora que a fortuna crítica de *Úrsula* começou crescer, chegando a ter atualmente mais de 30 edições publicadas por editoras renomadas, incluindo a versão traduzida em língua inglesa, quadrinhos e áudio book. Tal repercussão se deu em razão do relevo de suas temáticas principais, e devido a importância da autora que apesar de ser resistente e lutadora ficou por muito tempo a margem do cânone, sendo reconhecida recentemente pela historiografia literária graças ao esforço de resgate iniciado pelo pensamento feminista dentro das universidades, e grupos individuais e coletivos de pesquisa.

3.1 A autoafirmação na escrita de romance *Úrsula*

A autora Maria Firmina dos Reis, surge incisivamente diante do obscurantismo que cercava as mulheres do século XIX, rompendo com os padrões femininos ao encontrar na escrita um atalho para levantar sua voz, que antes foi silenciada, fazendo da mesma um ato de denúncia aos infortúnios vivenciados. Dessa forma, esta mulher superou preconceitos e abriu os caminhos de autoria feminina na ficção brasileira ao escrever o romance *Úrsula* com técnicas instigantes, a fim de romper barreiras com público leitor da época. A primeira regra imposta por questões históricas, foi utilizar um pseudônimo ao publicar, com o objetivo de ocultar o seu nome. Nesse caso, nota-se a inteligência da autora ao escrever sob pseudônimo "uma maranhense", visto que tal nomenclatura determinou o seu lugar de fala e sua condição de mulher, além de destacar a autoria feminina. Outro artifício que chamou a atenção do leitor foi o seu prólogo.

> MESQUINHO E HUMILDE LIVRO é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. […] Sei que pouco vale este romance, porque escrito

> por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (REIS, 2018, p.11).

Ao ler este prólogo fica claro por detrás da modéstia apresentação da autora, há presença da ironia como subterfúgio linguístico, para que o seu discurso retórico fosse aceito. Deste modo, Maria Firmina nas entrelinhas do discurso pede desculpas demonstrando com clareza o lugar que desejava ocupar no universo das letras, que estava vedado as mulheres, deixando explícita a recepção adversa devido a hostilidade que as autoras enfrentavam para ocupar os espaços públicos num contexto tradicionalmente masculino. Assim sendo, ela escreve de forma consciente sabendo dos seus limites de ser lida, e intencional à medida que convida mulheres a se lançar no mundo da escrita, com o propósito de democratizar a literatura de autoria feminina.

> Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir coisa melhor, ou, quando menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós (REIS, 2018, p. 12).

A partir do exposto, observa-se que a formulação estética literária da autora buscou promover reflexão e emancipação tanto das mulheres quanto da população negra abrindo caminhos, para que nós leitores resista ao racismo, ao sexismo e as desigualdades econômicas por meio das palavras assim como ela. Na obra *Literatura e Resistência* (2002), o teórico Alfredo Bosi cita que a escrita corresponde as potências do conhecimento, no sentido de que conhecer seria experimentar e viver no corpo. Tal conhecimento mencionado por Bosi foi fundamental, para que Maria Firmina dos Reis pudesse protagonizar corpos, vidas e histórias, que foram ocultadas por conta do preconceito racial e de gênero. Tendo em vista que esta autora fala na condição de mulher mulata, que viveu ao lado de pessoas escravizadas, a exemplo de sua mãe que era uma escrava forra, e de outros escravos que convivia na casa de sua tia com quem ele morou muitos anos.

Sendo assim, Maria Firmina dos Reis dá lugar de fala a escravizados e mulheres para expor sua subjetividade, de forma totalmente legítima, enquanto outros autores da época fiscalizavam-se para falar de lugares que nem sempre eram seus a exemplo dos romances escritos por homens que acabava transmitindo uma voz e visão feminina extremamente discrepante. Segundo Spivak (2010) o intelectual que tenta representar alguém subalternizado, estando distante da realidade de subalternidade, começa a falar por si só sem proporcionar

espaço para que esse sujeito possa falar e ser ouvido; desviando assim do caminho proposto pelo teórico. Trazendo esta realidade para o romance pode-se dizer, em outras palavras, que o fato de Firmina estar em uma posição socialmente marginalizada fez ela perceber detalhes sobre a sociedade da época, que grupos dominantes negavam ver. Portanto, seu perfil denunciante tem força propulsora na ação, na intencionalidade da vontade, e sobretudo na sua experiência e testemunho de artista como aponta Alfredo Bosi (2002).

É válido ressaltar que a posição artística firminiana, possui todos os critérios de perfis de artista proposto por Candido em sua obra *Literatura e Sociedade* (2006), haja vista que Maria Firmina se configura uma agente individual, que toma para si a tarefa de criar e apresentar suas obras, como faz com *Úrsula*. Além disso, Firmina pode ser reconhecidacomo intérprete da sociedade, visto que, ela foi testemunha ocular da escravidão e de uma sériede transformações que o Brasil passou durante segundo reinando, dialogando profundamente com tal realidade, que ainda se reverbera na atualidade devido problemas estruturais. Ademais, é possível perceber em suas obras, inclusive em *Úrsula*, que a finalidade se liga a uma circunstância que funciona como veículo de suas aspirações individuais mais profundas.

É importante destacar ainda, que impactada pela situação social em que estava inserida, Maria Firmina luta para o surgimento de um novo homem, uma nova mulher, e consequentemente uma nova sociedade sem exploração, revelando através de sua escrita a falta de caráter que existiu na formação brasileira. Para tanto, Maria Firmina saiu do papel social previsível da mulher em seu tempo, transgredindo os limites conservadores com seu discurso decolonial de resistência e renovação de identidades, ao apresentar de forma real o cotidiano dos escravos e mulheres como seres dotados de sentimentos, escolhas e lutas, isto é, sendo sujeitos ativos de transformação social. O seu pioneirismo está justamente neste aspecto subversivo.

Outrossim, é importante pontuar ainda que a questão da tematização feminina na narrativa se dá a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em expor através das personagens a condição da mulher na sociedade patriarcal do século XIX. Segundo Nascimento (2009, p. 57), neste romance "os personagens e a voz narrativa se unem para fundar, na literatura brasileira, a ficcionalidade do drama vivenciado por mulheres." Isto significa que a voz feminina presente na obra rompe o silenciamento, ao manifestar-se tanto nas personagens de ficção, como também na própria autora dentro do contexto de produção de sua época, pois assim como a personagem Petra Susana Maria Firmina dos Reis também emerge das margens para se envolver no debate de uma das questões mais sérias que o Brasil passava no século XIX, a escravidão. Em razão disso, fica perceptível que a voz de Preta Susana até certo ponto forma um paralelo com a voz autoral, uma vez que as duas se encontram no mesmo contexto

periférico marcado pela cor, condição social e gênero. Assim sendo, enquanto a personagem Preta Susana toma o seu lugar de fala e ação antes negado, Maria Firmina sai dos limites impostos a ela como mulhermulata no Brasil oitocentista e assume o lugar de escritora e de denunciante.

Nesse sentido, torna-se compreensível o fato de que os aspectos políticos e filosóficos discutidos pela personagem Preta Susana em *Úrsula* remetem à vida da própria autora Maria Firmina dos Reis, a qual escreve sob o ponto de vista da vivência experimental; dando mais originalidade a sua escrita. Então, se valendo do estudo proposto por Beth Brait (1985) é possível afirmar que Preta Susana funciona como "porta-voz da autora", pois subentende-se a partir de sua voz, a junção das experiências vividas e projetadas por Firmina. Desse modo, podemos dizer que Preta Susana caracteriza-se com uma amálgama diante das observações e virtudes de sua criadora, que deu voz aos oprimidos e excluídos sendo ela mesmo representante desse grupo. Assim sendo, podemos destacar a personagem Preta Susana como uma voz autêntica de afirmação social da autora Maria Firmina dos Reis.

Tendo em vista que sua mãe era uma escrava forra, e sua tia com quem conviveu por muito tempo, possuía alguns escravos, visto que a mesma tinha uma boa condição social. Por isso, supõe-se que provavelmente Preta Susana seja a representação da própria autora, lembrando de sua mãe e de outras pessoas que ela pôde conhecer e colher relatos, já que ela também ocupava um lugar social de oprimida pelo fato de ser mulher. Por esse motivo, sua sensatez transporta a personagem Preta Susana o sofrimento típico de sua experiência pessoal étnica e de gênero, pelo fato de ser mulata e marginal ao sistema letrado acadêmico brasileiro. Por fim, corrobora-se que a literatura e escrita foram um importante instrumento de autoafirmação e resistência para Maria Firmina dos Reis, que em pleno século XIX foi capaz de desnaturalizar através da escrevivência a violência que recaía sobre os corpos negros e femininos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Úrsula* com sua visão decolonial expandiu o conhecimento sobre a cultura brasileira por meio do olhar daqueles que precisavam e também tinham vozes, os negros e as mulheres. Sendo assim, a grandeza desta obra consistiu em não usar estereótipos ao tratar dos negros e das mulheres, que no romance apesar de serem vítimas, resistem, e de certo modo superam o poder implacável do sistema patriarcal. O ineditismo e a originalidade de Maria Firmina dos Reis foi justamente esta decisão de colocar os escravizados e as mulheres em seus lugares de fala, permitindo-lhes atuar como sujeitos históricos. Nesta narrativa firminiana, a autora matizou aspectos sociais com os aspectos subjetivos do Romantismo, para propagar através de seus personagens a ideologia de uma nova nação livre das amarras imperiais fundamentando-se nos valores cristãos.

Ao longo da pesquisa, observou-se de modo geral duas preocupações existentes na obra de Maria Firmina, a primeira delas foi a questão da escravização no Brasil, e a segunda não menos importante e pouco explorada nos trabalhos se refere à luta da autora com relação ao direito das mulheres. Este estudo buscou analisar as vozes de Úrsula e Preta Susana, que foram apresentadas no romance, em condições diferentes em razão da cor, da idade e do papel que ocupavam, tendo cada uma suas experiências e individualidades. O objetivo principal foi comparar a voz de cada uma, na tentativa de levantar pontos em comum. Sendo assim, durante a pesquisa foi possível notar o papel de submissão imposto ao sexo feminino e os diferentes tipos de opressão que incidiam sobre a mulher branca, negra, pobre ou de elite econômica, não só na relação entre marido e mulher, mas entre tio e sobrinha, senhor e escrava.

Diante disso, ficou claro que a opressão não estava somente ligada a cor ou classe como acontece com Preta Susana, e sim ao gênero, já que Úrsula, a jovem branca também foi vítima de violência do sistema patriarcal. Além disso, percebeu-se que no contexto do século XIX a condição da mulher se igualava a do escravo, visto que elas também se encontravam numa espécie de aprisionamento. Desse modo, a autora retratou em seu texto as personagens femininas sendo subjugadas com o fito de denunciar a realidade que lhe incomodava, mas principalmente para mostrar como elas se transformaram, e assim revelar seus avanços considerando a ideologia da época a respeito do papel da mulher. Nesse sentido, a evolução mais importante foi o fato de elas passarem a ter voz, criando espaços de fala que, segundo Spivak (2010), os subalternos necessitavam para se autorepresentarem. Dessa forma, o silêncio e a vida subalterna imposta a elas pelo patriarcado e o machismo estrutural foram rompidos através de suas vozes que foram colocadas em evidência e protagonismo.

Outrossim, é importante salientar que Úrsula e Preta Susana tiveram suas falas, submetidas à perspectiva central da pesquisa, porque mesmo sendo diferentes, seus pontos de vista se coincidiram. Essas vozes se alinharam à medida que foi ressaltada a condição de ser mulher no século XIX. Sendo assim, além das personagens Úrsula e Preta Susana, representarem os papéis sociais de escrava, mãe e filha, também mostraram as realidades que antes eram ocultas as mulheres, como portadoras de emoções, anseios e vontades, e que necessitavam se libertar das imposições dos homens independente de classe social e raça. Diante disso, podemos dizer que estas personagens femininas foram construídas com características subversivas, que funcionaram como barreiras que os homens deviam superar.

Tanto Úrsula, como Preta Suzana, são representados como mulheres sofredoras e submetidas a ordem patriarcal, no entanto ambas as personagens possuíram forças interiores capazes de superar os infortúnios, tornando-se símbolo de resistência, através de vozes ativas, que apesar de não ser cordial foram ouvidas, e não somente toleradas configurando-se um ato transgressor, que "nos mostrou não só uma nova identidade feminina, que foge da omissão, sujeição ou da ideia equivocada da mulher como um ser frágil, como também revelou um ser movido por sentimentos e por vontade própria, capaz de lutar e desafiar o historicamente estabelecido para conseguir realizar seus objetivos" (MESQUITA; COSTA,2012, p.9). Ademais, é necessário destacar que perante essa convergência de vozes, se sobressaiu uma voz denunciadora, que clama pela liberdade e consolidação de uma sociedade plural e justa, conferindo assim um novo sentido à vida na expectativa de um mundo melhor para os marginalizados.

Portanto, essa obra é um convite à reflexão sobre o que mudou e o que permanece em nosso país. É uma forma de acessarmos o que aconteceu no século XIX pela perspectiva ficcional de Maria Firmina dos Reis. Assim sendo, a grande importância de revisitar esse romance é exatamente refletir as problemáticas oriundas do patriarcado e da escravização, recriminando mazelas sociais que permeiam até hoje, tendo muito a dizer aos leitores do século XXI. Tal obra foi escrita 29 anos antes da abolição dos escravos no Brasil, mostrando-nos tamanha audácia e intelecto da autora em abordar essa temática bem antes de se pensar na Lei Áurea. Com isso, vemos que Maria Firmina foi uma autora de grande maestria, que quebrou vários paradigmas enquanto mulher e escritora, apresentando um conteúdo riquíssimo, contendo várias características, perspectivas e versatilidade na escrita que não a deixou abaixo de nenhum grande escritor da época, nem tampouco dos cânones da literatura, pois, antes mesmo da publicação do excepcional poema abolicionista Navio Negreiro de Castro Alves, a autora já denunciava tal acontecimento. *Úrsula* é, por fim, uma obra completa.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização.* 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Narrativa e resistência. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-133.

_____. *História concisa da literatura brasileira*. 50 ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRAIT, B. *A personagem*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

BARROS, M. A. de. Vozes femininas e étnicas: a narrativa enquanto expressão da vida. Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 29–39, 2009. DOI: 10.5433/1678-2054.2009v17p29. Disponível em:< https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/25002>. Acesso em: 25 set.2023.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. 7. ed. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993.

_____. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes*. 3.ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.

_____. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas / FFLCH, 2002.

_____. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6559624/mod_resource/content/1/Aula_2_Candido_Literatura%20e%20Sociedade.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

_____. *O direito à literatura*. In: Vários Escritos. 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2004. Disponívelem:<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4208284/mod_resource/content/1/antonio-candido-o-direito-a-leitura.pdf>. 22 jun. 2023

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Documentação do Censo 1872*. Rio de Janeiro: Typographia G. Leuzinger, 1872.

MESQUITA, Sebastião Francisco de; COSTA, Maria Edileuza da. *A evolução identitária nas representações femininas: alguns posicionamentos teóricos*. Anais IV FIPED. Campina Grande: Realize Editora, 2012. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/vizualizar/543>. Acesso em: 20 ago. 2023

MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. São Luiz: Governo do Estado do Maranhão,1975.

MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Vol. 1. Florianópolis: Editora Mulheres/Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

MENDES, Melissa. *A história hoje: gênero, representação e literatura a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. In: PEREIRA, Ana Paula Lopes et al. Anais do REVISTA Vol.1, N.3 Set. - Dez. 2013 • www.feminismos.neim.ufba.br. Encontro Regional de História da ANPUH-RIO, XV. São Gonçalo, 2012. Disponível em: <http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1336343964_ARQUIVO_AHISTORIAHOJE.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. *O romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no romantismo brasileiro*. 2006. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) — Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,2009.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 2ed. Jundiaí, SP: Cadernos do Mundo Inteiro, 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 401-442.

TELLES, Norma. *Rebeldes escritoras abolicionistas*. Revista História [online], São Paulo,120, p.73-83, jan. /jul. 1989. Disponível em: < https://www.revistausp.sibi.usp.br/pdf/rh/n120/a05n120.pdf>. Acesso em: 24 jul de 2023.